

UNIDADE	80
Nº CHAMADA	
V	EX
TOMBO BC/	68846
PROC.	6.23.06
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	1,00
DATA	09/06/06

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

M57g Meucci, Simone  
Gilberto Freyre e a sociologia no Brasil : da sistematização à  
constituição do campo científico / Simone Meucci. - Campinas,  
SP : [s. n.], 2006.

Orientador: Elide Rugai Bastos.  
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Freyre, Gilberto, 1900-1987. 2. Universidade do Distrito  
Federal. 3. Sociologia - Brasil. 4. Sociologia - Manuais, guias etc.  
5. Desenvolvimento institucional. 6. Ensino normal. 7. Ciência -  
História - Brasil. I. Bastos, Elide Rugai. II. Universidade  
Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.  
III. Título.

(mfbm/ifch)

Palavras chaves em inglês (keywords) : Sociology - Brazil  
Sociology - Handbooks, manuals, etc  
Institution building  
Science - History - Brazil

Área de Concentração: Sociologia

Titulação: Doutorado

Banca examinadora: Prof. Dr. Elide Rugai Bastos (orientadora)  
Prof. Dr. Fernando Antonio Lourenço  
Prof. Dr. Gláucia Villas Boas  
Prof. Dr. Josué Pereira da Silva  
Prof. Dr. Afrânio Raul Garcia

Data da defesa: 27 de abril de 2006

## CAPÍTULO 4

# DIVERSIDADE, EQUILÍBRIO SOCIAL E CULTURA POPULAR

---

### I. Menos oratória, mais investigação

A fonte que nos permite reconstruir parte significativa da experiência docente de Gilberto Freyre na UDF é um precioso conjunto de laudas datilografadas a partir do material taquigrafado pela secretária acadêmica Vera Teixeira durante as aulas de Freyre na UDF.<sup>1</sup> Cada aula resultou num texto de cerca de duas páginas. Algumas vezes encontramos duas versões de texto que se referem a uma mesma aula. Nestes casos, cremos que a versão original datilografada pela secretária foi submetida à revisão de Gilberto Freyre que fez pequenas correções e acréscimos.<sup>2</sup>

Com este material - que permite o acesso ao conteúdo das aulas - poderemos entrar em pormenores maiores do que nos foi possível fazer a partir da escassa documentação das aulas na Escola Normal de Pernambuco.

Mas antes que nos detenhamos ao conteúdo destes textos, queremos apresentar um trecho que sintetiza depoimentos de alunos de Gilberto Freyre na UDF:

*Sobre as aulas de Gilberto Freyre, informaram os entrevistados que todos esperavam dele uma grande atuação, por causa do enorme sucesso de seu livro Casa Grande & Senzala. O professor era, porém, ainda muito jovem, mostrava-se excessivamente tímido, não encarava os alunos, e 'proferia suas lições com voz extremamente pausada e monótona, que levava ao estado de sonolência'. Uma estenógrafa ficava sempre a seu lado, e na semana seguinte os alunos recebiam o folheto com a aula do mestre datilografada. Mas ninguém teve, de início, curiosidade bastante para lê-las. No fim do primeiro semestre exigiu Gilberto Freyre, como trabalho de estágio, que os alunos classificassem como quisessem as*

---

<sup>1</sup> Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE.

<sup>2</sup> Os textos das aulas de Gilberto Freyre na UDF foram também consultados e analisados por Wamireh CHACON (1989: 116-118).

*matérias publicadas nos jornais do Rio de Janeiro, medissem-nas com régua e apresentassem suas conclusões sobre o que viessem a achar. Apesar de 'indignados', resolveram cumprir a tarefa, em grupo. Ao fazê-lo, porém, descobriram um mundo de excelentes novidades e, tomados de entusiasmo, decidiram ler as apostilas guardadas: verificaram, então, que elas constituíam verdadeiras obras literárias, com profundas observações de mestre sobre aspectos sociológicos da vida cotidiana. Foram estas aulas mais tarde compendiadas em livro. (VICENZI, 1986: 24)*

Esta passagem é preciosa porque nos mostra o que nenhum documento, programa ou anotação de aula é capaz de revelar. Os testemunhos que deram base a estes trechos nos apresentam cenas cotidianas da relação professor/aluno. Por um lado, o professor tímido, com poucas habilidades docentes, malgrado a enorme habilidade literária. Por outro, alunos entediados e resistentes às ordens do professor.

A timidez e falta de virtudes oratórias do professor eram incômodas para os alunos, mas ainda assim, o professor, por meio de propostas de pesquisa, fora capaz de mobilizar a curiosidade sociológica.

Freyre também nos deixou um testemunho acerca do seu desempenho em sala de aula na UDF:

*(...) Na Universidade, me vi cercado por vários outros, professores, digamos assim, 'baianos', quer dizer, cheios de flama oratória, como o próprio Hermes Lima. Houve certa relutância em me aceitar porque eu dava aulas em tom de conversa, mas não mudei meu estilo. A mocidade acabou aderindo a mim, o que foi uma das grandes vitórias que tive na vida. Em cada aula, os estudantes já tinham podido consultar a gravação da anterior, o que propiciava muitas conversas, com inteira liberdade de idéias. (Sociedade Brasileira de Pesquisa Científica. 1998: 121)*

Ao fazer este relato, notemos que Freyre procurou chamar a atenção para um traço com o qual procurou marcar sua identidade intelectual: o caráter não ornamental, não bacharelesco de sua prosa e sua comunicação oral. Ele queria se contrapor afinal aos bacharéis ilustrados da Velha República, aos quais se referia como 'baianos' (certamente uma menção implícita a Rui Barbosa e a toda tradição intelectual que ele representava). Segundo este testemunho, uma de suas *grandes vitórias na vida* foi convencer os alunos da UDF de que virtudes oratórias do professor deveriam substituídas pela capacidade de despertar o interesse pela investigação da vida social.

Outros depoimentos de alunos registram também o alto nível de exigência de Freyre em relação ao desempenho discente. Sobretudo os trabalhosos inventários e o domínio da língua inglesa (exigido para o estudo dos textos indicados na bibliografia) eram temidos pelos estudantes. Um deles relatou que as leituras indicadas por Freyre exigiam a constante consulta à professora de inglês da Universidade. (BARBOSA, 1996: 74)

Segundo a documentação consultada, Freyre ministrou, no período compreendido entre os anos de 1935 e 1937, três diferentes disciplinas na Universidade: *antropologia*, *sociologia geral* e *pesquisas e inquéritos sociais*. Vamos, pois, examinar o conteúdo das aulas de cada uma delas:

## II. Pela demarcação de áreas de cultura

Acerca da disciplina *antropologia*, ministrada por Freyre na UDF, foi possível apenas consultar oito textos que, a rigor, correspondem a oito dias de aula ocorridos no período compreendido entre outubro de 1935 a março de 1936. São, pois, os únicos textos que estavam catalogados no Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE.<sup>3</sup>

A julgar pelos poucos manuscritos ao nosso alcance, suas aulas de *Antropologia* foram ministradas de modo muito irregular: houve quatro aulas no mês de outubro de 1935, uma aula no mês de novembro, uma aula em dezembro, uma em janeiro de 1936 e, por fim, a última em março do mesmo ano. Obviamente, é possível que alguns dos manuscritos tenham desaparecido não permitindo a reconstituição total do conteúdo das aulas de Antropologia.

De todo modo, a partir dos manuscritos que pudemos consultar, os temas das aulas de antropologia foram os seguintes: uma aula sobre '*diferenciação entre o processo cultural e social*', uma aula sobre '*distinção entre traço de cultura e complexo de cultura*', uma aula sobre o que Freyre denominou de '*critérios de estudo antropológico*', duas aulas sobre '*traço cultural*', duas aulas sobre '*definição de áreas de cultura*', uma aula sobre o '*vocabulário*' como forma de percepção de fatos culturais.

Freyre iniciou o curso de antropologia propondo uma distinção entre os processos sociais e os processos culturais, que constituem objetos da sociologia e da antropologia respectivamente. Segundo seus termos, os processos sociais são anteriores à vida humana, ou seja, manifestam-se

---

<sup>3</sup> O conteúdo de suas aulas de Antropologia na Universidade do Distrito Federal foram publicados no livro *Problemas brasileiros de Antropologia* (FREYRE, 1943).

*As alternativas de predomínio entre as forças ou tendências de integração e diferenciação parecem resultar do próprio desenvolvimento histórico que seria, pois, processo de equilíbrio social, surgindo a compensação no sentido B sempre que se verifica um excesso no sentido A.<sup>14</sup>*

Ele entende, pois, que o equilíbrio entre as forças sociais antagônicas é manifestação da saúde de um grupo social.

Ora, o equilíbrio social parece estar também relacionado ao processo de *acomodação social* que Freyre definiu nas aulas anteriores. A manutenção da unidade social exige o 'equilíbrio dos antagonismos sociais' por meio do processo de *acomodação social* que é, em geral, dirigido pelo grupo superior (como foram os portugueses no Brasil colonial). Note-se que estão aqui expostos alguns dos princípios teóricos de Freyre que orientaram a sua interpretação em *Casa Grande & Senzala* e em *Sobrados e Mucambos*.

#### D. Métodos

Nas aulas seguintes Freyre expôs alguns dos recursos metodológicos à disposição dos cientistas sociais. Antes, porém, dedicou uma aula à diferenciação entre as disciplinas de sociologia e história. Tal distinção nos parece importante porque é a partir dela que ele definirá os objetivos da sociologia e, por conseguinte, seus métodos.

Freyre afirma que a história se preocupa com os fatos e fenômenos singulares, ao passo que a sociologia tem como propósito compreender os recorrentes e uniformes. É que, para o autor, os fatos sociológicos são, eles mesmos, efeitos de um processo social que se resume, essencialmente, ao jogo entre as forças de associação e diferenciação. É desta regularidade do confronto entre as forças antagônicas que deve então se ocupar o sociólogo.

Na perspectiva do autor, o cientista social deve, pois, compreender os efeitos gerais das forças sociais, as formas variadas como elas se manifestam em suas versões regionais e históricas. Deve, não obstante, ficar atento para não ser seduzido por falsas uniformidades.

Metodologicamente, Freyre recomenda equilíbrio entre dedução e indução. Afirma que o excesso de preciosismo empírico pode levar à mera acumulação de dados enquanto que a

---

<sup>14</sup> Notas de aula referentes à 03/02/1936 do curso de sociologia geral ministrado por Freyre na Universidade do Distrito Federal. Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE.

imaginação dedutiva pode conduzir a generalizações precipitadas. O correto seria, no entender do autor, dosar equilibradamente estes dois métodos.

Freyre acrescenta ainda que a intuição é, também, um precioso recurso na pesquisa sociológica. Para ele, a intuição é acionada, sobretudo, na realização do ajustamento do material empírico ao que ele chama de *verdade social e humana*.

Tal perspectiva acerca do valor da intuição na investigação social parece ser a origem discreta de uma idéia fundamental de Freyre com a qual ele caracterizará seu método sociológico: a noção de empatia. (FREYRE, 1945)

Nas suas aulas de *sociologia geral* da UDF, após as recomendações relativas ao equilíbrio entre dedução, indução e intuição, Freyre dedicou-se a apresentar, em alguns dos seus detalhes, os métodos sociológicos propriamente ditos. Dois métodos foram então apresentados: a) método das variações concomitantes (para o qual ele dedica uma aula), b) estudo do caso sociológico (para o qual ele dedica cinco aulas).

O método das variações concomitantes é aquele, afirma Freyre, no qual o sociólogo deverá comparar o comportamento de dois fatores em circunstâncias sociais distintas, a fim de testar a correlação entre eles. É o que se faz em pesquisas que procuram relacionar 'suicídio' e 'religião' em diferentes países, ou aquelas que relacionam os índices de 'criminalidade' e 'desemprego' em diversas localidades, cita o autor. O material estatístico torna-se nestes casos precioso recurso.

Mas o autor alerta que, além da manipulação dos dados estatísticos, o pesquisador deve conhecer o conjunto das forças sociais atuantes nas diferentes regiões investigadas. O não conhecimento dos diversos elementos sociais condicionantes nas sociedades em questão pode levar o pesquisador a estabelecer relações falsas.

Freyre admite, não obstante, que os estudos comparativos desta natureza têm sempre certa *tendência deformadora*. Ressalta, pois, que por mais que o pesquisador seja rigoroso e objetivo na manipulação do material estatístico e na observação dos elementos condicionantes é impossível evitar que ele preste maior atenção a certos aspectos que lhe interessam em especial, ignorando ou desvalorizando outros.

Porém, parece que, para Freyre, apesar dos riscos evidentes, o método comparativo é muito útil porque permite compreender as *formas* sociológicas que se manifestam

independentemente de condições regionais, históricas e políticas. É até, nesse sentido, surpreendente que ele não dedique mais aulas a este método.

A outra técnica metodológica apresentada por Freyre é estudo de caso. Os exemplos mais notáveis de estudo de caso são, para ele, os inquéritos de Le Play. Afirma que a técnica do *caso sociológico* é uma tendência da moderna sociologia, na medida em que os resultados de pesquisas desta natureza permitirão a construção da verdadeira teoria sociológica, tarefa ainda por fazer segundo a opinião de Freyre. Na verdade, para ele, os estudos de caso representam uma nova fase da sociologia, uma fase em que haverá menos doutrinação e mais pesquisa sistemática.

O mergulho em pequenas pesquisas regionais (os casos) permitirá, sob esta perspectiva, a generalização teórica mais precisa. Com efeito, Freyre afirma que, no processo de construção da grande teoria sociológica, há duas grandes colaborações: a perspectiva antropológica e a perspectiva ecológica. Ambas auxiliam a sociologia no enfrentamento sistemático da realidade social, em suas diferentes manifestações culturais e ecológicas. Ele compreende afinal que o sociólogo não é mais, como no XIX, um intelectual de gabinete. Dele são agora exigidas qualidades pessoais e intelectuais para o trabalho de campo.

Segundo compreendemos, para Freyre, a sociologia passava então por uma nova fase em que o excesso de abstração e teorização dava lugar à pesquisa de campo. Sobretudo a investigação sistemática sobre realidades peculiares deveria ser objeto dos novos pesquisadores. Apenas a partir do resultado de tais pesquisas, abarcando um universo social bastante abrangente e diversificado, é que se poderia, no entender de Gilberto Freyre, ousar na difícil tarefa de elaboração de construções teóricas de grande alcance.

Aos seus alunos, Freyre recomenda que investiguem, portanto, diferentes tipos sociais presentes numa mesma cidade. Cita como exemplo o 'moleque do morro', considerado por ele um objeto de investigação notável para os futuros estudos de caso a serem desenvolvidos pelos discentes.

Ele afirma ainda que além da colaboração que os estudos de caso podem dar para a constituição científica da sociologia, tais investigações têm também valor pedagógico e disciplinador. Talvez seja exatamente por isso que Freyre dedique a maior parte de suas aulas de metodologia à apresentação do estudo de caso. Lembremos que a técnica de variações concomitantes mereceu apenas uma aula da atenção do professor.

Com efeito, a grande virtude dos estudos de caso é que, segundo Freyre, eles permitem o estudo do *vivo*. Nos estudos assim recortados é a vida, seus pequenos e quase imperceptíveis movimentos, que deve ser capturada pela mente atenta do sociólogo.

Freyre recomenda que seus alunos não deixem, portanto, de investigar o que considera os verdadeiros testemunhos do fluxo da vida: cartas pessoais, livros de venda e anúncios de jornais. Estes são, pois, documentos de imenso valor sociológico para Freyre, porque permitem o acesso à vida rotineira dos membros de uma dada sociedade. É esta vida rotineira que afinal denuncia, diz Freyre, transformações mais gerais da sociedade.

Para Freyre, correspondências pessoais, recortes de jornal, livros de receitas, anotações de pequenos comerciantes, testamentos e diários têm, de fato, pouco valor para a história. Não obstante, são de enorme valor para a sociologia. Lembremos que, para ele, a sociologia ocupa-se das regularidades da vida social. Deve, portanto, estar atenta aos aspectos mais íntimos da vida humana, pois são estes definem transformações sociais mais gerais. Ao passo que a História, preocupada com a singularidade, se dedica aos fatos heróicos e oficiais.

Nesta diferenciação nota-se, pois, porque a noção de temporalidade de Freyre é tão singular. Ao definir que a sociologia se preocupa com regularidades da vida social o seu foco será sempre mais atento à questão das continuidades, sobretudo aquelas que se manifestam de modo muito sutil em alguns meandros da vida humana. (VILLAS BÔAS, 2003) (BASTOS, 2003)

## **IV. O morro carioca e a inteligibilidade da cultura popular**

Provavelmente, os mesmos alunos do curso de sociologia geral, freqüentaram, cerca de um ano e meio depois, o curso de *pesquisas e inquéritos sociais*. Foi neste novo curso que Freyre aprofundou recomendações metodológicas feitas até agora.

As notas de Gilberto Freyre acerca da disciplina '*pesquisas e inquéritos sociais*' nos fazem supor que se tratava de um curso orientado para a prática de pesquisa propriamente dita. No Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre, encontramos apenas as anotações referentes a oito aulas, ocorridas no período entre abril e junho de 1937. É possível que, no

restante do ano, o tempo fosse exclusivamente dedicado ao desenvolvimento das pesquisas de campo propriamente ditas.

Ao que sugerem alguns relatos de alunos e algumas cartas, Freyre orientou então uma grande pesquisa de campo sobre o fenômeno do morro carioca. A pesquisa teria sido levada a cabo no morro da Mangueira.

Com efeito, segundo um esquema encontrado nas notas de aula de Freyre, cada pequeno grupo de alunos foi responsabilizado pela investigação de um determinado aspecto da realidade do morro. Seus trabalhos deveriam, pois, ser desenvolvidos ao longo do ano letivo de 1937. No total, foram doze os temas propostos que, em conjunto, resultariam num estudo aprofundado:

1. *A cidade do Rio de Janeiro como área ecológica*
2. *História social da cidade do Rio de Janeiro*
3. *História econômica da cidade do Rio de Janeiro*
4. *Os morros e suas alternativas na história do Rio de Janeiro*
5. *Características gerais do morro atual no Rio de Janeiro*
6. *Relações atuais entre o morro de população pobre e a cidade do Rio de Janeiro*
7. *O morro na linguagem carioca*
8. *O morro nas estatísticas de mortalidade e natalidade na cidade do Rio de Janeiro*
9. *O morro nas estatísticas de crime da população do Rio de Janeiro*
10. *As sobrevivências africanas no Rio em geral e no morro em particular*
11. *O samba como expressão social do morro*
12. *O morro na literatura brasileira, no romance social, na crônica, na poesia*

O estudo do morro se relaciona, em certa medida, aos problemas teóricos propostos pelo autor em suas aulas de sociologia. Trata-se de mensurar distância, contato e interação social entre habitantes do morro e da cidade através de alguns indicativos sugestivos. Freyre certamente desejava, partir deste estudo de caso, permitir a aplicação de alguns dos conceitos sociológicos que considerava fundamentais. Procurou, assim, favorecer entre seus alunos o gosto pela pesquisa e a compreensão mais profunda da dinâmica dos processos sociais.

Entretanto, o estudo proposto refere-se também aos problemas efetivos do Rio de Janeiro. Cabe notar que houve, na cidade, naquele período, um crescimento urbano notável, estimulado, sobretudo, pela migração interna. Entre 1920 e 1935 a população aumentou em cerca de 600 mil habitantes. (BARBOSA, 1996:25)

Diante do fenômeno demográfico, novas regras se estabeleciam para regular a ocupação e a circulação urbana e monitorar o uso do espaço pelas famílias tradicionais, pelos trabalhadores

domésticos, pelos profissionais liberais e pelos operários. Assistia-se, por meio de uma nova divisão espacial, a complexificação da sociedade.

O surgimento de novos agentes sociais inscrevia-se no espaço de modo dramático na cidade do Rio de Janeiro. (NUNES: 1994:181) Com o crescimento populacional, crescia também a incômoda presença de pobres e miseráveis. Sobretudo os morros foram uma alternativa para a parcela da população mais desfavorecida que, embora em condições bastante precárias de moradia, tentava manter-se próxima do mercado de serviços domésticos. (NUNES, 1994:183) Ou seja, em sua estratégia de sobrevivência, incrustados de modo precário nos melhores bairros, os habitantes dos morros pareciam impor à elite reformista modernizadora, heterogeneidade, pobreza, diversidade racial e cultural.

Na época, os morros eram representados pela elite da cidade e pelo setor público como um ambiente de desordem, sujeira e culto ao irracionalismo. Exemplo disso: é conhecido o combate dos governantes e da igreja ao samba exatamente neste período. (VIANNA, 1995)

Neste contexto, a proposição da pesquisa de Freyre manifesta a preocupação em torno do problema da ocupação urbana que fora também tema clássico da sociologia norte-americana. Rigorosamente, esta investigação orientada por Freyre está bem acomodada dentro do ambiente da gestão do Prefeito Pedro Ernesto que, como vimos, combinava aproximação com as classes populares e a crença de que resultados da pesquisa social trariam uma nova dimensão para a ação pública.

Mas a pesquisa de Freyre, proposta aos seus alunos da UDF, em certo sentido, ultrapassa a problemática urbana da cidade do Rio de Janeiro. O crescimento populacional do Rio de Janeiro e o padrão de ocupação que dele derivou, relacionou-se ao declínio da economia rural e ao 'desequilíbrio inter-regional' (para usarmos aqui o termo de Freyre). Ou seja, rigorosamente, o fenômeno mais típico da ocupação urbana carioca dizia respeito a um fenômeno demográfico que tinha sua origem na deliberada política de concentração da economia industrial e de serviços em certas áreas específicas do país. Nesse sentido, os morros cariocas pareciam ser, para Freyre, um caso paradigmático dos efeitos do desequilíbrio regional, problema que fora tão aludido durante suas aulas teóricas.

Mas se, por um lado, para Freyre, o 'morro' é consequência do desequilíbrio regional, por outro lado, o autor também chama a atenção para a sua inteligibilidade. Ao propor o estudo

racional da experiência social e cultural vivenciada no morro, Freyre lhe conferiu, afinal, um 'status' diferente daquele proposto pela elite.

Nesse sentido, vale lembrar de algumas palavras significativas de Freyre acerca dos morros cariocas proferidas cerca de dez anos antes, em sua primeira visita à cidade do Rio de Janeiro:

*Esse Morro da Favela, que de vez em quando aparece entre os vultos desiguais, entre os altos e baixos dos quintos e dos segundos andares de casas e de edifícios novos – alguns horrorosamente horríveis; esse Morro da Favela dá ao Rio uns azuis e uns vermelhos e uns amarelos, verdadeiramente deliciosos. A estética dos engenheiros não chegou por lá. Nem chegará tão cedo. Aquilo não será fácil de achatar nem de acinzentar nem de ajeitar. (...) Por muito tempo a estética de fraque se limitará a olhar para a Favela, através do seu 'pince-nez', lamentando aquela feiúra. Aquela falta de civilização. Aqueles restos do Rio de antes de Passos, pendurados por cima do Rio. (FREYRE, 1979: 335 vol. 2)*

Observemos que, em 1926, Freyre vira nos morros cariocas um colorido que contrastava com a uniformidade proposta pelos engenheiros representantes da modernidade capitalista. Segundo seu olhar, a estética do morro contrastava com o padrão de modernidade imposto pelo Estado em suas práticas de reformas urbanas. O cenário carioca lhe pareceu então representativo da cisão entre Estado e Sociedade. (CARVALHO, 1985)

Em 1937, Freyre, municiado pelos instrumentos da ciência social, queria então que fosse cientificamente reconhecida como manifestação de diversidade e não como indício de desigualdade social a vida dos habitantes dos morros. Conduzia seus alunos a reconhecer sociologicamente a inteligibilidade da experiência histórica, social e cultural dos morros.

Observemos ainda que a pesquisa proposta por Freyre se fundamentou numa visão totalizante do fenômeno do 'morro' no Rio de Janeiro. O morro seria, pois, analisado sob uma perspectiva multidimensional que compreendia aspectos ecológicos, históricos, econômicos, demográficos, culturais e sociais. O morro é, pois, visto dentro dos critérios de tempo, de espaço, de contato e de isolamento com a cidade.

Os temas de pesquisa foram logo apresentados no início do curso, em sua primeira aula. Nas sete aulas restantes, que provavelmente antecederiam a 'ida dos alunos ao campo', Freyre procurou prepará-los, alertá-los para o tipo de abordagem utilizada, para as possíveis dificuldades e para cuidados necessários.

Na segunda aula (em 06/04/37), logo afirmou que a sociologia não é socialismo, nem uma técnica a serviço de ideais filosóficos, éticos, religiosos ou políticos. A sociologia é, para ele, afinal uma ciência nova que vem lutando contra dificuldades para estabelecer suas condições científicas. Nesse sentido, ele pede que os alunos mantenham minimamente a objetividade, evitando a intervenção de sentimentos e, sobretudo, de expectativas, que impliquem no comprometimento dos resultados.

Freyre desejava, com efeito, que a pesquisa, a ser desenvolvida por cada um dos alunos, seja tanto quanto possível científica, ou seja, desinteressada de fins práticos imediatos e de modo nenhum, dominada por sentimentalismos ou idealismo moral ou político. Aqui há um aspecto notável porque embora Freyre reconhecesse os possíveis benefícios pragmáticos do conhecimento sociológico, ele queria que seus alunos não estivessem, durante as pesquisas, voltados para esse aspecto apenas. Não queria, sobretudo, que a sociologia fosse então confundida com determinadas perspectivas políticas, ideológicas ou partidárias. Nesse sentido, ele procurou evitar que seus alunos, durante a coleta de dados, formassem certas expectativas estreitas sobre o conhecimento produzido, perspectivas que alterariam o caráter científico da investigação.

A observação que se seguia era de que a pesquisa se faria segundo uma perspectiva ecológica. Isso equivale a dizer, afirma ele, que se admite e se reconhece a interpenetração de influências entre os membros de um grupo e o meio físico.

Este pressuposto ecológico exige, pois, segundo Freyre, que o pesquisador observe os efeitos do clima sobre o ajustamento social dos indivíduos a relação da população com a água, os animais, as plantas e os alimentos. A orientação ecológica, acrescenta Freyre, foi fundamental em seus estudos que deram origem à obra *Casa Grande & Senzala* (então recente).

Vale, aliás, notar que aqui, nestes manuscritos para o curso de 'pesquisas e inquéritos sociais', flagramos Gilberto Freyre citar, com muita freqüência, sua experiência enquanto pesquisador. Numa de suas aulas, recomendou que seus alunos seguissem um esquema de pesquisa elaborado por ele durante sua pesquisa na Ilha Joaneiro, próximo a Recife. Sugeriu que empregassem o roteiro de perguntas por ele adotado, uma ficha com indagações cujas respostas seriam capazes de permitir o conhecimento das condições sociológicas da população tais como a vida alimentar, a vida familiar, o lazer, as condições de moradia.

Freyre pediu também que os alunos prestassem bastante atenção às expressões e a linguagem do grupo social. Seu conselho: além de seguirem os tópicos das fichas de investigação, deveriam estar atentos aos aspectos mais sutis de comunicação do grupo em questão, tal como o gestual, as expressões faciais de alegria, deboche ou tristeza e a linguagem verbal propriamente dita. Recomendou que identificassem, sobretudo, a diferença de expressão dos moradores do morro em relação aos moradores de outras zonas da cidade.

Interessante reparar que Freyre, em muitas das aulas dedicadas à preparação dos alunos para a pesquisa de campo, procurou relacionar os conceitos sociológicos estudados sob a perspectiva teórica à realidade empírica a ser enfrentada, qual seja, os morros cariocas. Numa destas aulas (19/05/37) em que procura relacionar conceitos a fatos, Freyre afirmou que a pergunta principal que se impõe aos alunos, antes mesmo da ida ao campo, é a seguinte: porque a maior parte da população pobre da cidade do Rio de Janeiro se concentra nos morros? E antecipa: *a resposta está relacionada à noção de distância social e seus efeitos de segregação.*

Há um momento interessante desta aula na qual Freyre comparou o tipo de segregação espacial que se manifesta nos morros cariocas à segregação observada nos Estados Unidos e na África do Sul. E conclui então que a subida da população pobre aos morros cariocas nunca alcançou os padrões de distância social verificados nestes países. Afirma: *"entre nós esses deslocamentos se processam mais ou menos suavemente, favorecidos pela plasticidade social, tão característica da vida e do desenvolvimento brasileiro. Plasticidade social muito grande".*

Freyre de fato compreendeu que a distância social não é grande entre nós. Tanto é assim que pediu que os alunos ficassem atentos para notar a contribuição do morro para a composição da elite da cidade. Segundo seu ponto de vista, algumas personalidades (entre as quais Machado de Assis) são representativas da trajetória de habitantes do morro que se tornaram membros da elite carioca. Isso, a comprovação de que as distâncias sociais não foram assim tão radicais entre nós.

Muitas destas considerações remetem à tese central de *Casa Grande & Senzala e Sobrados e Mucambos*. Com efeito, segundo um dos ex-alunos de Freyre, ele estava de fato na época *em lua-de-mel com a publicação de Casa Grande & Senzala*. (BARBOSA, 1996:88)

Entretanto, Freyre não recomendara apenas pesquisas de campo no morro carioca. Depoimentos de ex-alunos sugerem que ele estimulou também trabalhos de campo sobre as

zonas de comércio popular da cidade do Rio, além de exigir constantemente de seus alunos reflexões sociológicas acerca do meio social em que estavam diretamente envolvidos.

*Lembro-me da pesquisa que realizamos com Gilberto Freyre aqui no Saara, naqueles comércios no centro da cidade; dos inquéritos sociais que fizemos numa favela aqui do Rio; e, ainda dos trabalhos de avaliação de Gilberto Freyre que eram bem diferentes. Ele passava trabalhos em que, amparados nos textos estudados, tínhamos que analisar situações do cotidiano, fatos observados em nossa rua, na vizinhança. Era muito estimulante e instigava trabalhos bem originais'. (Depoimento de ex-aluna, apud BARBOSA, 1996: 71)*

Vale também observar que José Bonifácio Rodrigues menciona, numa de suas freqüentes cartas à Freyre, que estava desenvolvendo uma pesquisa sobre a unidade familiar no Brasil sob a orientação do professor pernambucano.<sup>15</sup>

Com efeito, um dos aspectos notáveis dos cursos de Freyre foi o estímulo ao trabalho de campo. E embora não houvesse nenhum Instituto de Pesquisa abrigado na Escola de Economia e Direito e o propósito da Universidade fosse, sobretudo, formar professores para o ensino médio e primário, a orientação era que, de fato, os alunos fossem capazes de formular hipóteses, elaborar inquéritos, confrontar conhecimento teórico e empírico.

Soubemos, consultando relatos de ex-alunos da UDF, que Carneiro Leão (que dera alguns cursos de sociologia na UDF sob orientação de Gilberto Freyre) chegou a levar uma turma de alunos a São Paulo para que investigassem, nas lavouras de café da época, a socialização dos imigrantes italianos. (VICENZI, 1986:24)

Observamos, nesse sentido, que houve enorme investimento de Freyre (e nos parece que ele foi de fato um pioneiro da promoção da pesquisa de campo entre seus alunos) para que a reflexão sociológica e antropológica ultrapassasse a pura especulação mental e se aproximasse da vida da população.

---

<sup>15</sup> Carta de José Bonifácio Rodrigues a Gilberto Freyre, datada de 30/07/1936. Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE. Gilberto Freyre, por sua vez, menciona na primeira edição de *Sociologia: uma introdução aos seus princípios* um trabalho sobre 'Irmandades no Brasil' desenvolvido por seu antigo aluno José Bonifácio. (FREYRE, 1945: 628)

## V. Algum lugar para suas idéias sociológicas?

A partir dos dados apresentados neste capítulo, notamos um nexos possível entre as hesitações de Freyre no Rio de Janeiro (representadas, sobretudo, pelo seu desejo de retorno ao Recife) e os impasses que se apresentavam no contexto político do país naquele período. Impasses que, aliás, se manifestaram de modo particularmente acentuado no ambiente da Universidade do Distrito Federal.

Com efeito, a dramática história da UDF representa paradigmaticamente os impasses políticos da época. Lembremos que a universidade foi concebida a partir de fundamentos jurídicos passíveis de contestação, num acordo político ocasional e oportuno entre Pedro Ernesto e Getúlio Vargas. Não obstante, a instituição conseguiu se manter mais ou menos incólume de outubro de 1935 até novembro de 1937 (malgrado o afastamento do Reitor Anísio Teixeira no seu quarto mês de vida), quando o governo finalmente deu forma autoritária cabal ao Estado brasileiro e a intervenção federal foi efetivada.

Foram, pois, cerca de dois anos de uma experiência universitária que se estabeleceu mais ou menos à revelia do poder central, num contexto local marcado pela esperança na aliança entre elites intelectuais e setores populares. Tratou-se, pois, de um episódio particularíssimo na história da institucionalização universitária no Brasil.

Constatamos que, a despeito das dificuldades administrativas, a UDF foi um centro intelectual com grande dinamismo, capaz de congregar grandes intelectuais brasileiros. A época era desafiadora: na atmosfera de indefinição do destino do país - em pleno período de andamento do governo provisório de Vargas - a grande indagação que inspirava os intelectuais era acerca da definição da natureza do acordo entre Estado e Sociedade no Brasil.

Não é por acaso que, neste período, as ciências sociais passaram a ter centralidade nos debates acerca da construção do Brasil. Basta ver o notável esforço de institucionalização da disciplina na década de 30 entre nós: na Escola Livre de Sociologia e Política (1933), na Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade de São Paulo (1934) e na Universidade do Distrito Federal (1935).

Com efeito, as notas de aula de Freyre são testemunhos do dinamismo da UDF e das expectativas de que as ciências sociais eram então depositárias. Observamos, pois, que, por meio das ciências sociais (a sociologia, em especial), o autor pretendeu nos apresentar fundamentos

científicos para a celebração de um novo pacto inter-regional e para um novo acordo entre a esfera social e esfera política. (CARVALHO, 2002)

A propósito, notemos que nas proposições teóricas e empíricas apresentadas aos seus alunos da UDF, Freyre formulou duas críticas à elite do país: uma à concentração do desenvolvimento econômico e das decisões políticas na região sudeste; outra ao modo negativo de representação das classes populares.

As duas críticas têm como fundamento o esboço de um projeto nacional distinto, um projeto de modernidade igualmente distante do progressismo-liberal-americano e do anti-modernismo. Em certo sentido, Freyre evocou, em suas notas de aula, um modelo ibérico de ajuste social e de acomodação de forças contraditórias, ainda que não possa ser definido como um anti-modernista radical. (CARVALHO, 2002)

De um lado, propôs um novo acordo inter-regional que não levasse a efeito o isolamento e a decadência radical do meio rural. Tal acordo seria, pois, baseado num intercâmbio entre campo e cidade. Tratava-se, afirmava Freyre, de levar ao campo alguns dos benefícios da cidade, e de adotar na cidade alguns padrões de bem-estar tipicamente rurais. Tal postura significou a reivindicação de uma divisão do trabalho mais equilibrada entre as diferentes regiões do país. Freyre sustentava uma perspectiva preocupada com o declínio de certas áreas do país e seus efeitos sociológicos, igualmente prejudiciais nas grandes cidades (superpopulação) e no meio rural (isolamento radical).

Sua formulação acerca da relação entre cidade e campo deixa entrever, no limite, um desejo para que se celebrasse um acordo entre a tradição e modernidade. Sua perspectiva supõe afinal o encontro de um padrão de modernização que não representasse efetivamente o rompimento e a destruição da tradição nacional, especialmente mantida no meio rural.

De outro lado, observamos em Freyre o esforço de conferir, por meio da investigação sociológica, inteligibilidade à cultura popular. Ainda que de modo conservador (propondo uma incorporação que não passava nem de longe pela noção democrática de cidadania) ele parecia dizer que as classes populares não seriam obstáculo social e político para a construção nacional, desde que fossem assimiladas e incorporadas as suas expressões culturais.

A UDF foi um ambiente favorável para a apresentação de fundamentos conceituais e empíricos para um projeto nacional desta natureza. Mesmo sob o paulatino fortalecimento do poder central, entre novembro de 1935 e novembro de 1937, as idéias do autor faziam sentido

naquele ambiente engendrado sob o emblema da autonomia política e do populismo. Não obstante, a partir da instauração do Estado Novo e da direta intervenção estatal na Universidade não foi mais possível acomodar o projeto de construção nacional idealizado por Freyre.

Possivelmente, a centralização estatal protagonizada por Getúlio Vargas sob o regime do Estado Novo não admitia proposições que celebrassem a importância das culturas e poderes regionais e que defendessem um padrão lento e progressivo de modernização fundamentado na diversidade cultural e em formas originárias e pitorescas de sociabilidade.

Observamos que Freyre ficou na UDF durante todo o período que antecedeu a definitiva intervenção estatal. Sua demissão e seu retorno ao Recife são, afinal, compreensíveis quando pensamos no nexo de suas proposições intelectuais com o contexto sócio-político. Do mesmo modo, é também compreensível a não aceitação dos convites para trabalhar na USP, na direção do Museu Nacional na Universidade do Brasil que lhe foram feitas respectivamente em 1936, 1938 e 1939.

Possivelmente, Freyre pensara que nem a Universidade de São Paulo, tampouco o Museu Nacional e a Universidade do Brasil seriam ambientes que permitiriam o desenvolvimento de formulações desta natureza, tal como fora possível no ambiente da UDF.

É certo que a Universidade carioca tinha um modelo institucional mais dúctil, livre da cátedra, onde foi possível alocação das idéias de Freyre e de sua personalidade pouco ligada às formalidades acadêmicas. Mas também é notável a distinção entre o projeto da UDF e o projeto da USP em outro sentido. Retomemos, pois, a hipótese de que a USP estava ligada a um projeto elitista ao passo que a UDF se atrelava a uma orientação populista.

Com efeito, vale lembrar que, no ambiente da cidade de São Paulo, tanto a USP (1934) quanto ELSP (1933), foram fundadas a partir do desejo dos paulistas de recuperar - pela cultura, pela ciência e pela competência técnica de suas elites - a posição de hegemonia política no âmbito nacional que haviam perdido desde a Revolução Constitucionalista de 1932. O principal objetivo da instituição era, afinal, devolver pela ciência e pela educação superior, a posição de liderança nacional de São Paulo.

Não é, por acaso, que o projeto de fundação da USP é qualificado por seus analistas ora como elitista, ora como autoritário. (CARDOSO, 1982) (LIMONGI, 1989) Especialmente a função da Faculdade de Filosofia foi definida pelos fundadores da USP como um ambiente destinado à preparação das elites para a condução e orientação do povo amorfo a fim de lhe dar uma

consistência diferenciada e definida. (CARDOSO, 1982: 180) Na ausência de uma sociedade civil, tratava-se afinal de preparar elites dirigentes aptas para exercer suas funções de condução e orientação dentro de um governo esclarecido e forte. (CARDOSO, 1982: 179) (LIMONGI, 1989: 127)

Os fundadores da USP acreditavam que o ambiente necessário para a formação desta nova elite deveria ser de severa disciplina mental. A ciência foi então compreendida como importante instrumento no combate ao que se chamou de anarquia intelectual. O pensamento científico permitiria, pois, a disciplinarização e uniformização do pensamento. As palavras de Fernando de Azevedo são, pois, representativas disso.

*A liberdade de pensamento não implica o direito de pensar como se queira: todos reconhecemos que o pensamento é livre (...) mas o trabalho científico só é fecundo com a condição de que os homens voluntariamente se submetam a um plano essencialmente o mesmo, ao investigar, e ao mesmo método, ao raciocinar: não se pode e não se deve reivindicar para o pensamento o direito de pensar como se queira, sem as austeridades de um método preciso, sem objetividade e sem probidade científica, porque isto seria reclamar o direito à libertinagem para a função mais augusta de que dispomos. No desempenho da sua missão a inteligência deve mover-se dentro das condições que pela própria natureza lhe foram prescritas. (FERNANDO DE AZEVEDO apud CARDOSO, 1982: 182)*

Irene Cardoso (1982) constatou que esta concepção radical acerca da necessidade da disciplina do pensamento resultou na repressão de orientações teóricas, metodológicas e políticas em nome da 'austeridade', da 'objetividade'. Os contratos dos professores da USP tinham, pois, cláusulas que impediam a atividade e a propaganda política.<sup>16</sup>

As diferenças entre o projeto da USP e da UDF parecia, com efeito, corresponder ao um impasse no interior do próprio campo educacional. Estudiosos da área identificaram diferenças significativas entre a orientação de Anísio Teixeira (um dos fundadores da UDF) e Fernando de Azevedo (um dos fundadores da USP). Consideram, pois, a corrente liderada por Anísio Teixeira 'liberal democrática', enquanto que aquela liderada por Fernando de Azevedo foi qualificada como 'liberal-elitista'. (VICENZI, 1986: 10) (CUNHA, 1980)

---

<sup>16</sup> Cardoso aponta que, segundo Bastide, uma das causas do afastamento de Levi-Strauss da USP teria sido a interferência de Júlio Mesquita Filho que o considerava um elemento perigoso porque ligado à Frente Popular Francesa. (CARDOSO, 1982)

Vale, por fim, acrescentar que a diferença entre os dois modelos de universidade tinha como fundamento representações muito distintas acerca da experiência social em cada uma das cidades. Enquanto São Paulo era vista pelos intelectuais como uma cidade que superara, por meio de assombroso desenvolvimento industrial, tradições arcaicas; o Rio de Janeiro era visto como uma cidade na qual, malgrado as reformas urbanas e higienistas, sobreviveram a arquitetura e a sociabilidade de 'malandros' e 'parasitas' que, teimosamente, resistiam à dinâmica homogeneizadora da modernidade imposta pelo Estado. (CARVALHO, 1985)

É evidente que há muito exagero nessa diferenciação. É possível que encontremos, a despeito das diferenças significativas, muitos pontos em comum nas duas experiências sociais e urbanas. Não obstante, é mesmo possível que no Rio, onde o mercado não chegou a representar uma força social muito atuante, fosse mais notável a presença e a resistência popular. Um tipo de resistência que se manifestava, sobretudo, na ocupação dos morros, na religiosidade e nas expressões musicais 'obscuras'.

Isso fazia da cidade carioca um universo múltiplo de interações, de contradições entre o tradicional e o moderno, de lutas políticas. A fragmentação social estava impressa na cidade, em seus bairros, subúrbios e morros. Daí a solução populista para estabelecer um acordo entre a esfera social e política fazer enorme sentido no contexto carioca. Ao passo que, em São Paulo, onde era mais aceita a homogeneização modernizadora, ser possível um elitismo autoritário e uma assepsia científica que, em certa medida, representava a força unívoca da ação modernizadora. Tal ação, a propósito, resultaria, no campo das ciências sociais, na instituição de um padrão teórico e conceitual rígido, cujo maior representante seria Florestan Fernandes. (ARRUDA, 2002)

O substrato social e político para a fundação da UDF foi diferente daquele no qual surgiu a USP. Se a USP teve como fundamento o elitismo de certos grupos dominantes, a UDF nasceu numa atmosfera 'populista' engendrada pelo ambiente social pela ação política de Pedro Ernesto.

O populismo que cercou a experiência universitária da UDF abrigou confortavelmente a solução proposta por Gilberto Freyre sobre a valorização da cultura popular. Em certa medida, a proposta sobre a experiência de pesquisa no morro carioca manifestava o reconhecimento científico da cultura popular, legitimava e dava enorme sentido ao acordo 'populista' que estava sendo encaminhado pela Prefeitura naquele período.

Lembremos, a propósito, que Pedro Ernesto era um assíduo freqüentador do Morro da Mangueira. Foi, pois, durante seu mandato que a prefeitura do Distrito Federal concedeu um terreno para a construção da sede da escola de samba. Foi também, em seu governo, que houve o reconhecimento oficial das escolas de samba. (SOIHET, 2003: 314 e 316)

Observemos, portanto, que, naquelas circunstâncias políticas, pretendia-se celebrar a integração dos setores populares na vida pública por meio do reconhecimento de suas manifestações culturais. Freyre, em certo sentido, traduzia e legitimava sociologicamente o fenômeno através de suas proposições sociológicas. Seus pressupostos acharam, portanto, um ambiente cultural e político extremamente favorável.

E ainda que Pedro Ernesto tenha sido afastado da prefeitura e sua solução populista tenha perdido espaço na arena de disputas políticas para as soluções autoritárias, a UDF permaneceu como um lugar onde esta discussão fora possível até que, finalmente, em 1937, a supremacia do Estado assumiu sua feição plena.

Rigorosamente, até 1937 a UDF manteve certa autonomia que permitia o desenvolvimento de interpretações como a de Freyre. Autonomia esta que se manifestava em três diferentes níveis: em relação ao governo central, em relação às elites tradicionais e, também, em condições favoráveis de liberdade teórica e metodológica.

A mesma experiência não teria sido possível na USP. Também não ocorreria no Museu Nacional e tampouco na Universidade do Brasil.

Acerca da recusa de Freyre para dirigir o Museu Nacional, pode-se supor que a instituição, tão ligada, no período, à antropologia física, não permitiria o desenvolvimento das ambições intelectuais do autor. Além disso, pensamos ser possível supor que o projeto intelectual de Freyre não passava pela antropologia no sentido estrito da disciplina. A rigor, era a sociologia que monopolizava a discussão sobre a nação e sobre a relação entre sociedade e Estado no país. Nesse sentido, foi no campo sociológico, sobretudo, que Freyre encontrara, bem ou mal, um palco privilegiado para a apresentação e discussão de seu projeto nacional.

E na Universidade do Brasil (instituição ao qual foram incorporados os alunos e parte dos docentes da UDF)? Por que Freyre resistira às investidas de Capanema para que prosseguisse ali sua experiência docente? Ora, lembremos que a Universidade do Brasil fora fundada por Capanema em 5 de julho de 1937, à revelia da UDF, como parte de um grande projeto de

centralização política e padronização educacional que se opunha radicalmente à autonomia da UDF.<sup>17</sup> (SCHWARTZMAN, 2000: 223)

A propósito, Carvalho (1985: 11) nos ajudou a constatar que a escolha do local para do *campus* da Universidade do Brasil foi uma metáfora eloqüente do destino que algumas lideranças do Regime desejavam para o projeto político e educacional protagonizados respectivamente por Pedro Ernesto e Anísio Teixeira. É que Capanema propôs a desapropriação de toda a área da Mangueira para a construção do novo *campus* da Universidade. Ainda que o projeto não tenha sido levado adiante, o desejo de desapropriação daquela região evocou o ‘desmonte’ de um plano de nação que tinha como fundamento a inteligibilidade popular expressa nas senzalas, mucambos e morros. Logo, tal pretensão sinalizava, no limite, para a falta de lugar para as proposições sociológicas de Gilberto Freyre.

E já que estamos, de alguma maneira, nos referindo ao problema da acomodação de intelectuais e suas idéias no interior das instituições do Estado Novo, é também valioso aqui recordar, com o auxílio de Schwartzmann (2000), das tensões vividas por Mario de Andrade no período em que prestou serviços a Gustavo Capanema no Ministério da Educação. Convidado, em 1938, para compor o *staff* do Ministério, o intelectual paulistano viveu ali uma situação incerta. Após recusar algumas funções devido a divergências fundamentais com os projetos em desenvolvimento, restou-lhe a execução de pequenos trabalhos que aceitou por absoluta falta de alternativas e com grande custo pessoal.<sup>18</sup> (SCHWARTZMAN, 2000: 100)

---

<sup>17</sup> Tal centralização se manifestava no esforço pela definição de um modelo curricular para cada curso que, por sua vez, serviria como padrão a ser seguido pelas outras universidades. No caso do currículo do curso de Ciências Sociais, há indícios de que alguns intelectuais do período foram mobilizados para propor projetos de organização do curso. Sabe-se que, em 1938, um anteprojeto foi encaminhado pelo antropólogo Arthur Ramos ao Ministério da Educação para a organização do Instituto de Ciências Sociais na Universidade do Brasil. Sabe-se também que, em 1941, Heloísa Torres também encaminhara a sua proposta, a qual, aliás, mereceu severa crítica de Donald Pierson que, na época, era professor da Escola Livre de Sociologia e Política. Eis a crítica de Pierson à Heloísa Torres: *não acha mais aconselhável organizar as matérias de acordo com o pessoal disponível para o ensino e a pesquisa em cada faculdade, do que de acordo com um certo padrão de ideal nacional, seja qual for a sua perfeição? Criar cursos para serem ensinados em todas as faculdades sem o pessoal adequado tenderá a deformar as ciências sociais antes de, por assim dizer, terem nascido... Não acha preferível, uma vez obtidos os professores adequadamente orientados e preparados no próprio campo de ensino, deixar ao critério destes especialistas o preparo dos próprios programas em vez de os padronizar de acordo com a rígida centralização do ensino da capital do país? (...) Prender seu trabalho a um padrão central me parece uma policy irrealista, policy que criará desnecessários obstáculos ao progresso educacional uma vez que: 1) as condições de ensino, num país tão vasto como o Brasil, variam bastante de lugar para lugar (e devo indicar também, de tempo para tempo); 2) esta padronização inibe, em vez de estimular, a iniciativa particular; e, 3) ela sujeita ao melhoramento do ensino, em cada lugar, às vicissitudes de possível controle político (ou administrativo) inadequadamente formado.* (SCHWARTZMAN, 2000: 244)

<sup>18</sup> Ver as cartas de Mário de Andrade enviadas para Gustavo Capanema em (SCHWARTZMANN, 2000: 376-397).

O projeto de desapropriação da área da Mangueira e o dilema enfrentado por Mario de Andrade são reveladores: o Ministério da Educação, personificado na figura de Capanema, não se identificava com um projeto nacional fundamentado no que se convencionou denominar de 'busca das raízes populares'. Ao contrário, queria fazer do catolicismo e do culto aos heróis e símbolos da pátria a base do Estado forte.

Assim, ainda que Capanema buscasse o convívio e a colaboração dos intelectuais durante sua gestão no Ministério, as proposições da natureza como as de Mario de Andrade (e, porque não dizer as de Gilberto Freyre) não tiveram verdadeiramente como se acomodar na estrutura do governo.

Não obstante, alguns estudos recentes apontam para a complicada relação do governo com a cultura popular. Diferentemente do que ocorria nas ações do Ministério da Educação, outro órgão do governo - o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) - tinha orientações distintas. Sob a direção de Gustavo Capanema, o Ministério da Educação estivera voltado para a formação de uma cultura formal e erudita; ao passo que o Departamento de Imprensa e Propaganda, sob a direção de Lourival Fontes, buscava, através do controle dos meios de comunicação de massa, orientar as manifestações da cultura popular.

É importante notar ainda, com o auxílio de Velloso (2003) que houve uma composição muito diversa do *staff* dos intelectuais nesses dois órgãos. Capanema se cercou de intelectuais que constituíram a vanguarda do movimento modernista: Carlos Drummond de Andrade, Lucio Costa, Oscar Niemayer, Candido Portinari e Mario de Andrade.

Lourival Fontes, por sua vez, contou com o apoio de Cassiano Ricardo, Menotti Del Picchia e Candido de Motta Filho, todos intelectuais modernistas conhecidos por seu argumento autoritário, responsáveis por imprimir as linhas mestras da política cultural direcionada às camadas populares durante o Estado Novo. (VELLOSO, 2003: 149)

No DIP, alguns dos intelectuais que compunham o seu *staff*, eram, num certo sentido, antagonistas intelectuais de Freyre. Sobretudo Cassiano Ricardo, que produziu uma interpretação na qual afirmava que a singularidade nacional brasileira (a democracia racial), era antes produto do bandeirantismo do que do patriarcalismo. Ao modelo de brasilidade rural e nordestino proposto por Freyre, ele opôs o modelo de colonização paulista, móvel e dinâmico. Com isso esperou

definir a contribuição de São Paulo para a construção de uma nacionalidade original.<sup>19</sup> (RICARDO, 1937)

Desse modo, se Freyre não tivera lugar ao lado de Capanema no Ministério da Educação e seus demais órgãos, tampouco teve lugar ao lado de Lourival Fontes no Departamento de Imprensa e Propaganda, então ocupado por modernistas cuja noção de brasilidade e modernidade era absolutamente diversa daquela proposta por Freyre.

Era notável a intervenção do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) sobre a música popular. Houve incentivo aos compositores de sambas e marchas de carnaval cujas letras fossem de encontro aos valores apregoados pelo Regime. O objetivo era exaltar a ética do trabalho e o ufanismo brasileiro por meio da música popular. Um dos exemplos mais conhecidos deste tipo de composição foi o de 'Aquarela do Brasil', de Ari Barroso. Lembremos também da música "Bonde de São Januário", composta por um famoso boêmio carioca (Wilson Batista), que não obstante, neste seu samba, exaltou a vida operária e condenou a boemia.<sup>20</sup>

A exemplo do que ocorreu na música, houve, durante todo o Regime, um notável esforço para impor e engendrar um padrão de modernidade, disciplina e nacionalismo por meio da cultura popular. Para a elite governante, a cultura popular não era senão instrumento para de doutrinação ideológica. (VELLOSO, 2003:172)

O que se viu, igualmente no Departamento de Imprensa e Propaganda e no Ministério da Educação, foi uma política napoleônica de nacionalização e ideologização da cultura, onde nacionalização tinha o sentido de padronização artística, religiosa, educacional. (SCHWARTZMAN, 2000: 181-182)

Em nenhum dos órgãos do governo se incorporou a busca das raízes genuínas da cultura brasileira, tal como proposta por Mario de Andrade ou Gilberto Freyre (guardadas as devidas diferenciações entre ambos). A ação cultural e educacional do regime estava muito mais próxima do ufanismo verde-amarelo, do culto nacionalista a autoridades, heróis e instituições.

É possível que houvesse, no interior dos órgãos do governo e entre os intelectuais que os compunham, uma disputa em torno da definição da identidade nacional brasileira e das estratégias

---

<sup>19</sup> Velloso (1983), com efeito, aponta o papel importantíssimo de Cassiano Ricardo na articulação ideológica do Estado Novo. Ver também (CAMPOS, 2005: 10)

<sup>20</sup> Eis um trecho do samba Bonde de S. Januário *"quem trabalha é quem tem razão/eu digo e não tenho medo de errar/o bonde de S. Januário/leva mais de um operário/sou eu que vou trabalhar/antigamente eu não tinha juízo, mas resolvi garantir o meu futuro/sou feliz, vivo muito bem/a boemia não dá camisa para ninguém/e digo bem."* (CAPELATO, 2003: 128) Sobre a história do samba no Brasil ver também: (VIANNA, 1995).

de ação em relação à cultura, especialmente a popular. Uma pesquisa exaustiva acerca dos mecanismos materiais e intelectuais desta luta ainda está por ser feita.

O que podemos agora sugerir é que, as idéias de Freyre, se levadas ao limite, poderiam entrar em colisão com algumas das ações dos órgãos governamentais. Além disso, Freyre parecia não se acomodar institucionalmente em torno destes grupos de intelectuais e de suas idéias: nem no grupo que orbitava em torno de Capanema, nem no grupo de Lourival Fontes. Com isso, nosso autor ficou à margem do processo de definição da ossatura e das estratégias do Estado brasileiro. E principalmente: ao não se acomodar no interior de nenhuma instituição universitária, acabou por não desempenhar um papel notável na constituição do campo sociológico propriamente dito.

## **VI. Ambigüidades e afinidades com o Estado Novo**

As constatações apresentadas no tópico anterior nos colocam diante de um paradoxo. Afinal, ainda que sob o Regime do Estado Novo não fosse possível abrigar e levar ao limite algumas das proposições sociológicas de Freyre, ele manteve proximidade notável com o governo.

Nesse sentido, malgrado as idéias de Freyre não tenham sido efetivamente incorporadas no desenho do Estado Vargasista, e ele não fosse membro da 'guarda intelectual' do Regime, não foi perseguido ou banido da cena intelectual como ocorrera com Anísio Teixeira e outros. Rigorosamente, ele fora ambíguo na sua relação com o Estado Novo.

A relação de Freyre com o governo foi resguardada, por um lado, pelo alcance de sua rede social. Alguns dos membros dos grupos burocráticos que compunham os órgãos no Estado Novo eram do seu círculo de amizades. Por exemplo: Rodrigo de Melo Franco de Andrade era seu amigo íntimo e tinha livre acesso ao Gabinete de Capanema por meio de seu contato com Carlos Drummond de Andrade.

Esta rede de amigos era ocasionalmente acionada em sua defesa, quando Freyre era vítima de repressão do próprio Regime.<sup>21</sup> Um episódio notável desta relação próxima de Freyre

---

<sup>21</sup> Freyre fora preso em 1942 em Recife pelo governo do Estado de Pernambuco. Segundo seu relato, sua correspondência pessoal era ainda sistematicamente violada pela polícia do Estado. E em 1945, numa campanha